

A MISCIGENAÇÃO E A ETNIA BRASILEIRA (*).

Numa vasta extensão territorial de mais de 8.500.000 quilômetros quadrados, estendidos dos gigantescos contrafortes dos Andes ao Atlântico, do maciço majestoso das Guianas às savanas rio-grandenses, com climas e recursos diferentes, com regiões de aspectos geográficos perfeitamente distintos e dissemelhantes, desde a Hiléia até à região platina, vive um só povo, com a mesma origem comum, falando uma mesma língua, apresentando os caracteres gerais de uma mesma civilização.

No Brasil, onde o povoamento se realizou e se tem realizado por grupos os mais diversos em aspectos raciais e culturais, onde as migrações não tiveram intensidade e distribuição iguais em nosso imenso território, difícil se torna determinar a etnia brasileira.

O povo brasileiro é composto dos tipos físicos mais diversos, evidenciando procedências mais variadas possíveis. Encontramos indivíduos de estaturas baixa, média e alta; de formatos de crânios que oscilam entre a dolicocefalia e a braquicefalia; quanto à pigmentação da pele temos, além do amarelo, os matizes variegados que vão do alvo ao moreno, do moreno ao cafuz, ao mulato, em tôdas suas variações de tez, até atingir ao prêto reluzente.

Existem brasileiros com o tipo do nórdico europeu: alto, louro, de olhos azuis; outros são morenos, revelando procedência ibérica; outros são negros, indicando a origem africana e, finalmente, os amarelos assinalando a migração asiática.

As ligações inter-raciais com elementos diversos: branco e negro, branco e índio, negro e índio, etc., criaram um certo número de "tipos" que se distribuíram nas várias áreas ecológicas delimitadas pela predominância da influência européia, influência do caboclo e pela influência africana (1).

*) . — Capítulo de livro a ser publicado com êsse mesmo título (Nota da Redação).

(1). — De acôrdo com os trabalhos de Nina Rodrigues podemos organizar a seguinte sinopse:

etnia brasileira	{	branco	{	com negro	{	: mulato	{	pardo
		(caucasóide)		com índio		: mamaluco		} pardo
		negro		com branco		: mulato		
		(negróide)		com índio		: cafuz		
		índio		com branco		: mamaluco		
(mongolóide)	com negro	: cafuz	} pardo.					

A zona de influência européia abrange os Estados do sul, onde se concentraram os contingentes imigratórios de italianos, alemães e outros povos europeus.

A zona do caboclo, delimitada pela presença de mestiços de ameríndios com brancos (mamalucos ou mamelucos), abrange o Amazonas e Pará (**tapuio**, **paroara** e o **vaqueiro** de Marajó), Mato Grosso (**cuiabano**), os Estados do Nordeste até a região vizinha da foz do São Francisco (**cearense**, **cangaceiro**, **jangadeiro** e **praieiro**), os sertões da Bahia e Minas Gerais (o **capiau**), o litoral e sertão de São Paulo (**caçara** e **caipira**) e as zonas das missões no sul do país.

A zona de influência africana compreende os Estados do Maranhão, de Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais (2), o sul de Goiás e a zona de mineração de Mato Grosso, os Estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo (vale do Paraíba).

No baixo Amazonas, nas chapadas do Nordeste e no Brasil Central há caborés ou cafuzos, produtos de cruzamentos com negros quilombolas, evadidos das fazendas e das minas, que se supriram de mulheres raptando índias nos aldeamentos silvícolas. O jagunço não é, como pensava Euclides da Cunha, o mamaluco, mas resultado da mestiçagem das três raças com “farta gota de sangue negro” (3).

A mobilidade desses grupos em seus deslocamentos contínuos do Norte e Nordeste para o Oeste e para o Sul e os contingentes de imigrantes estrangeiros que incessantemente chegam ao país, exigem a revisão permanente dessas classificações.

No Brasil não existiram restrições legais e sociais aos contactos e inter-casamentos. Os governos de Portugal consentiam nesses contactos inter-raciais que solucionavam o problema da falta de gente para a colonização e povoamento.

Os fenômenos de miscigenação, no Brasil, são contemporâneos dos primeiros contactos do europeu com os ameríndios.

Degredados, naufragos, marinheiros, aventureiros e traficantes portugueses, espanhóis e franceses, mesmo antes da colonização efetiva do Brasil, que se iniciou em 1532, tiveram con-

Roquette Pinto, tomando como critério de classificação a cor da pele, classificou a população brasileira em quatro grupos:

1. — Leucodermos — de pele branca (brancos).
2. — Faiodermos — de pele parda (branco x negro).
3. — Xantodermos — de pele amarelada (branco x índio).
4. — Meladermos — de pele negra (negros).

(2). — “Bahia e Minas são os Estados da União em que mais se espalhou o africano” — Roquette Pinto, **Seixos Rolados**.

(3). — Roquette Pinto, *ob. cit.* e **Rondônia**.

tactos com as mulheres brasilíndias, dando início ao longo processo de mestiçagem que até hoje se efetua no nosso país.

Portugal com uma população reduzida que não podia atender satisfatoriamente às necessidades internas da metrópole, não estava em condições de povoar e colonizar o Brasil, sendo, nessas condições, a mestiçagem o único processo viável para povoar, rapidamente, com descendentes mestiços de portugueses, as numerosas e vastas colônias na Ásia, África e América.

Inúmeras dessas ligações inter-raciais foram depois legalizadas, perante a Igreja, pelo trabalho apostolar dos padres, empenhados na moralização da sociedade colonial (4).

No primeiro século de colonização portuguesa pouquíssimas mulheres brancas emigraram para a colônia, sendo as ligações exogâmicas dos lusos com as mulheres nativas o fator de povoamento, nos primeiros tempos, de tão extensa colônia.

Criaram-se assim laços sentimentais mais profundos entre marido e mulher e entre êsses e seus filhos, destruindo eventuais preconceitos raciais do europeu, permitindo que se continuasse realizando, durante séculos, os cruzamentos raciais que têm branqueado a população brasileira.

Realizou-se e realiza-se, pela miscigenação, a elevação do "status" do negro e do índio, que se aproximou e, em numerosos casos, se equiparou ao do europeu dominante.

Assim efetuou-se, nos primórdios da colonização, o povoamento do Brasil apenas na zona litorânea, com exceção de São Paulo, com os brancos e mamalucos.

A mestiçagem que fôra abundante com o índio, especialmente com os tupís do litoral, foi gradativamente, reduzindo-se de intensidade por causa das lutas de extermínio movidas pelos colonizadores e pelos êxodos contínuos para as florestas do interior, onde se ocultaram fugindo ao apresamento e à escravidão.

A escravidão ameríndia foi sendo substituída pela africana que começou a aumentar, em meados do século XVI, e prosseguiu, em volume sempre crescente, durante mais de 3 séculos e meio, tornando os grupos africanos e seus descendentes majoritários na população brasileira (5).

(4). — Assunto tratado no capítulo sobre os Jesuítas, sob o título "Moralização da sociedade colonial".

(5). — "Pode-se dizer que a nação brasileira, tomada no seu conjunto, é de sangue mestiço, ainda que a maioria se diga de origem branca. A validade explica bem que as famílias se proclamem descendentes de antepassados livres e não dos que foram cativos". Elisée Reclus, *Estados Unidos do Brasil — Geografia, Etnografia, Estatística*, tradução de Ramiz Galvão, ed. 1899, pág. 14.

A cana de açúcar do Nordeste exigira de início a escravidão do silvícola. Ficando demonstrada a inadaptabilidade do aborígene ao trabalho agrário, foi sendo, paulatinamente, substituído pela mão de obra africana, abastecida pelo tráfico negreiro na costa da Guiné, no Congo, em Angola e que, ultrapassando o Cabo da Boa Esperança, estendeu-se até Moçambique.

Com a expansão da agricultura nas regiões setentrionais, a população negra, concentrada no nordeste, irradiou-se na direção do norte até atingir as praias do Maranhão, como com as descobertas do ouro no Brasil Central, principalmente em Minas Gerais, provocou o deslocamento de negros para a área de mineração e, no Brasil Império, a cultura do café no Rio de Janeiro e no Vale do Paraíba motivou a fixação de negros escravos nas províncias fluminense e paulista.

Em tôdas as regiões onde os negros se estabeleciam continuavam os contactos inter-raciais com os brancos e, em pequena intensidade, com os índios.

O processo de caldeamento realizou-se ininterruptamente, graças à predisposição ímpar que o português revelou de “cruzamento” com as outras raças, ainda mais favorecido pela falta de mulheres brancas na colônia.

O elemento mestiço, mamaluco ou mulato, era melhor adaptado que seus pais europeus, para a vida nas regiões tropicais.

Os fenômenos de caldeamento com sangue mouro que se realizaram na península Ibérica e deram ao português a miscibilidade e mobilidade tão úteis aos povos colonizadores, se repetiram na colônia lusa da América.

A mestiçagem do branco com o negro, antes de se realizar no Brasil, efetuara-se na África e na própria metrópole antes de 1500. Antão Gonçalves, em 1441, levou para Portugal escravos do Rio do Ouro. “Em 1444 o capitão Lançarote desembarcou em Lagos (Algarve) 200 ou 235 escravos negros, que vendeu”. “Por forma que logo desde 1539 a capital do Reino apresentava no mercado anualmente 10 a 12.000 escravos” (6).

Sérgio B. Holanda, citando Carrere, informa que, em fins do século XVII, da célebre procissão do Senhor dos Passos, em Lisboa, “participavam entre 4 e 5.000 almas, sendo que a maior parte constituída de negros e mulatos...” (7).

(6). — *A Escravidão no Brasil* — Perdígão Malheiro, vol. II, pág. 16.

(7). — *Raizes do Brasil*, pág. 28.

A mestiçagem atuou como um elemento positivo de aclimação e adaptação às condições bio-sociológicas típicas das regiões tropicais.

Couto de Magalhães chamou êsses cruzamentos de “providenciais” porque permitiram que a raça branca pudesse conservar sua superioridade. “A raça branca pura — dizia êle — na terceira ou quarta geração, sobretudo nas cidades do litoral, dá apenas descendentes magros e nervosos, ou gordos, de carnes e musculação flácidas e de temperamento linfático...”.

A tese da adaptação eficiente dos brancos, sem mestiçagem, aos climas tropicais, defendida com entusiasmo e digamos mesmo com certa “dialética” por grupos europeus, especialmente pelos holandeses, não se apoia em bases sólidas. Observações orientadas por espírito científico, portanto imparciais e acuradas, feitas por inglêses, norte-americanos e por estudiosos doutras nacionalidades, como o australiano Grenfell Price, demonstram, de modo cabal, as dificuldades e riscos que sofrem os brancos mais ou menos puros nas suas tentativas de aclimação nos trópicos.

Max Sorre (8), com sua autoridade incontestável, nos aponta os efeitos maléficos, sôbre os adventícios brancos, da zona tropical, onde os emigrantes europeus sofrem mais intensamente a ação dos raios ultravioletas, das temperaturas elevadas e da umidade que produzem perturbações do metabolismo, prostração física e esgotamento nervoso que levam à amnésia e à loucura.

-
- (8). — Crisis de aclimatación de los blancos en los climas cálidos. “Frecuentemente se ha descrito aquel temible trance. Los primeros tiempos de residencia están marcados por un período de sobreexcitación. La circulación periférica aumenta al mismo tiempo que son activadas las funciones de la piel. Una transpiración profusa restablece el equilibrio térmico. Después disminuye la actividad vital, el pulso se vuelve lento, la digestión se entorpece, el corazón se debilita, el apetito disminuye y la nutrición mengua. La anemia tropical sigue al incremento del bienestar, a la sobreexcitación de los procesos físicos y mentales, sobre todo de los procesos sexuales. Esta anemia puede acarrear todo un siniestro cortejo: potencia muscular disminuída, jaquecas nerviosas, amnesia, locura. Los individuos cuya circulación periférica ya no está indemne no resisten estas pruebas. La crisis con frecuencia es fatal, porque crea al organismo un estado de menor resistencia frente a los microbios patógenos. Durante el período de sobreexcitación, el individuo no se reserva de los excesos — genésicos y otros —, y durante el período de depresión, propone al uso de los estimulantes artificiales. El contacto de géneros de vida diferentes con vicios nuevos, curiosidades peligrosas, facilidades desacostumbradas, todavía acrescentam más el peligro.

Este conjunto de síntomas caracteriza la crisis de aclimatación”.
Maximilien Sorre — Fundamentos biológicos de la Geografía Humana — Editorial Juventud, S. A. Barcelona, pág. 82.

Os portugueses ergueram a civilização nas regiões quentes porque não tinham, como os anglo-saxões, aversão ao mestiçamento com os nativos.

Nenhum povo europeu tinha, mesmo os da Europa Meridional, a excepcional capacidade lusa para “americanizar-se ou africanizar-se, conforme fôsse necessário” (9) e, apesar de tudo, fazer prevalecer, nos trópicos, os traços dominantes da cultura européia.

Aliás, a maioria dos colonizadores portugueses, da época do descobrimento, eram mestiços de iberos e mouros e neles haviam respingos do sangue negro transmitido, indiretamente, pelos invasores muçulmanos que, não raras vêzes, eram produtos étnicos de caldeamentos de semitas e camitas com sudaneses e, diretamente, pela mestiçagem decorrente da introdução da escravidão negra em Portugal.

A própria história do povoamento da península ibérica não pode excluir a ponderável contribuição dos povos de caracteres negróides, conforme comprovam os restos ósseos do homem de Mugem, cuidadosamente estudados por Mendes Corrêa.

Só o negro, arrancado pelo tráfico escravo da África tropical, poderia erguer, como ergueu, para os lusos a próspera sociedade rural do Nordeste brasileiro, povoando a Colônia com seus descendentes mulatos e sustentando, com os seus braços, a economia açucareira e a sociedade patriarcal escravocrata.

O negro resiste aos trabalhos físicos pesados nas regiões

(9). — “O insucesso da experiência holandesa no Brasil é, em verdade, mais uma justificativa para a opinião hoje generalizada entre antropólogos eminentes, de que os europeus do Norte são incompatíveis com as regiões tropicais. O indivíduo isolado — observa, e provavelmente com razão, uma das maiores autoridades no assunto — pode adaptar-se a tais regiões, mas a raça, essa decididamente não; à própria Europa do sul, ela já não se adapta. Ao contrário do que sucede com os holandeses, o português entrou em contacto íntimo e freqüente com a população de côr. Mais do que nenhum outro povo da Europa, êle cedia com docilidade ao prestígio comunicativo dos costumes, da linguagem e das seitas dos indígenas e negros. Americaniza-se ou africaniza-se, conforme fôsse preciso. “Tornava-se negro”, segundo a expressão consagrada da Costa da África. E o importante, além disso, é que a própria língua portuguesa e a religião católica parecem ter encontrado uma disposição particularmente simpática, entre esses homens rudes. Disso souberam bem cedo os holandeses. Os religiosos que trouxeram, verificaram, com melancolia, que uma instrução religiosa reformada, e em língua holandesa, prometia escasso êxito entre os negros e os índios. Eram enormes, praticamente intransponíveis, as dificuldades que reservava o holandês aos africanos. Os negros velhos positivamente não o aprendiam nunca. O português, ao contrário, era-lhes familiar. Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*.

quentes porque sua pele escura deixa passar muito menos calor que a dos brancos, como a abundância de suas glândulas sudoríparas, muito mais numerosas que a dos europeus, permite uma transpiração por todo o corpo que assegura o equilíbrio térmico e a regularidade das funções orgânicas.

Vimos, em capítulos anteriores, que tanto o negro como o índio possuíam diferenças étnicas e culturais às vezes profundas. Tais dissemelhanças explicam os comportamentos diversos do processo colonizador, uns sendo assimilados e amalgamados, enquanto outros fugiram ou reagiram aos contactos raciais e culturais.

Os contingentes migratórios brancos foram, em maioria, de procedência portuguesa, sem nos esquecermos também das consideráveis levas de judeus que emigraram desde o arrendamento do Brasil pelo cristão novo Fernando Noronha.

E' verdade que, no século XVI e na primeira metade do século XVII, os movimentos emigratórios de Portugal para o Brasil não foram intensos, porque os lusos concentraram os seus esforços na Asia que lhes fornecia os cobiçados produtos orientais.

A perda desse lucrativo comércio e o conseqüente empobrecimento português, as descobertas das minas brasileiras, a ambição, o desejo de enriquecimento rápido aceleraram, a partir da segunda metade do século XVII, justamente após as expulsões dos holandeses, os processos migratórios que foram despovoando Portugal, obrigando a Corôa, alertada pelo Conselho Ultramarino do Reino, a tomar medidas, sem pleno êxito, para conter a emigração.

Realizou-se também, por iniciativa governamental, o recrutamento de milhares de casais açorianos que, em numerosas levas, passaram a povoar a Colônia aumentando consideravelmente o reduzido estoque branco e, conseqüentemente, contribuindo para clarificar a população.

O censo de 1950 demonstrou que tínhamos, naquela época, 13.786.742 pardos e 5.692.657 negros, indicando que os negros e mestiços representam 37,5% da população brasileira.

A tendência é para o branqueamento da epiderme, isto é, para a diminuição do número de negros e aumento dos mulattos, conforme se verifica no confronto dos recenseamentos de 1940 e 1950 que registraram, respectivamente, 21,20% de pardos e 14,64% de negros e 26,54% de pardos e 10,96% de negros, demonstrando o decréscimo gradual da população negra e o

crescimento incessante dos mulatos, que têm demonstrado excepcional fecundidade (10).

A proibição do tráfico negreiro, enquanto as correntes migratórias brancas continuaram, em maior ou menor volume, a chegar ao Brasil, causou o aumento incessante da população branca que se tornou, cada vez por números mais expressivos, majoritária no Brasil.

A mineração do ouro e das pedras preciosas, o nomadismo da criação de gado nos sertões e da cultura do café sempre procurando terra virgem, provocaram fenômenos de mobilidade de grupos populacionais do planalto vicentino para o sul, centro, oeste e para nordeste do nordeste para o sul, para o norte e para o oeste.

Com esses deslocamentos realizaram-se, em todo território nacional, íntimos e valiosos contactos raciais e culturais que contribuíram para a formação das bases da sociedade brasileira.

Nos fins do século XIX, quando se iniciaram as emigrações da Europa, o Brasil já possuía mais de 14 milhões de habitantes, estando em condições de assimilar os contingentes alienígenas, como foram realmente assimilados pelos grupos nacionais majoritários, com exceção do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde os grupos de imigrantes europeus (alemães e italianos), relativamente recentes, ficaram em maioria, estabelecendo traços específicos no conjunto da sociedade brasileira.

Ainda convém lembrar a predominância dos ibéricos nos contingentes migratórios porque, segundo F. Azevedo (11), dos 4 milhões de imigrantes espontâneos que receberam até 1930, 30% eram portugueses e 12,2% espanhóis, garantindo-se, desse modo, a continuidade da cultura peninsular.

Numa sociedade como a nossa, que sofre o influxo das migrações internas e das correntes migratórias do exterior, o processo biológico de miscigenação e os fenômenos sociológicos de assimilação e aculturação demonstram o dinamismo contínuo

(10). — População brasileira, segundo a côr.

	n.ºs absolutos 1940	n.ºs absolutos 1950	% s/ total 1940	% s/ total 1950
Branços	26.171.778	32.027.661	63,47	61,66
Pardos	8.744.363	13.786.742	21,20	26,54
Prêtos	6.035.869	5.692.657	14,64	10,96
Amarelos	242.320	329.082	0,59	0,63
S/ declar. de côr	41.983	108.255	0,10	0,21

Anuário Estatístico do Brasil. Ano XV, 1954, IBGE, pág. 29.

11). — A Cultura Brasileira, F. Azevedo, cit. H. Hauser, A imigração no Brasil e o problema japonês.

que altera, incessantemente, os caracteres físicos do povo e a estrutura da sociedade brasileira.

Aliás, Euclides da Cunha afirmou que a “nossa raça ainda é uma “gens” complexa, vacilante, ainda na instabilidade de uma formação etnológica não ultimada e longa” (12).

Entre os elementos brancos emigrados da Europa notavam-se desde os altos dolicocefalos louros (H. europeus, de Lapouge) até os baixos braquicefalos morenos (H. alpinus, de Linneu).

Os indígenas apresentavam, entre si, numerosas diversidades somáticas, constituindo uma série de tipos distintos.

Os africanos, como já foi tratado anteriormente, pertenciam às nações diversas também com tipos físicos muito dissemelhantes. Quanto à pigmentação os matizes são os mais diversos, situando-se desde o negro retinto ao negro claro, avermelhado ou bronzeado, como os “fulas”. Uns eram altos e atléticos, outros baixos e gordos, uns de porte elegante, outros de compleição grotesca.

Os mamalucos, mulatos e caborés descendentes de tipos tão diversificados apresentam, como é fácil de compreender, uma variedade imensa de tipos, que se multiplicam com os novos cruzamentos de mestiços tão diversos.

Não se pode tentar explicá-lo apenas geograficamente, porque concorrem para a formação física e cultural de um povo um complexo de fatores étnicos, econômicos, históricos, geográficos, alimentares, etc. (13).

O ambiente físico e as condições sociais estão efetuando o peneiramento dos diversos tipos nacionais para a determinação do tipo antropológico brasileiro, que deverá emergir de um longo processo bio-sociológico que culminará com a fusão completa e unificadora das três raças formadoras da nossa nacionalidade (14).

(12). — *Contrastes e Confrontos.*

(13). — “Para Ratzel, por exemplo, éle “regula o destino dos povos com uma cega brutalidade”. Certo, hoje, ninguém partilha dêsse fatalismo geográfico de Ratzel. Em lugar dêsse determinismo cego, a ciência moderna contrapõe o “possibilismo” de Vidal de La Blache, que faz do homem uma força inteligente, reagindo contra o determinismo do meio físico, e não um mero autômato, impellido cegamente por éle. Contudo, por mais que o homem faça para se libertar das influências do ambiente cósmico, delas nunca conseguirá libertar-se inteiramente”. *Evolução do povo brasileiro.* Oliveira Vianna.

(14). — “Les peuples modernes, vivant sous la domination des mêmes facteurs climateriques et intellectuels, ont le besoin de renouveler leur sang par un apport du dehors.

Dans leur croisements, en grand, on relève les mêmes avantages que ceux qui se manifestent dans l’union des diverses classes sociales, ré-

As deficiências físicas encontradas no mestiço, que são apontadas e exploradas pelos defensores da tese ariana, não são consequência da miscigenação, mas sim da fome, da subnutrição, da falta de saúde e educação que, por sua vez, foram geradas pela miséria do povo brasileiro.

O mestiço que aliou a inteligência do branco à resistência física do índio ou do negro, mamaluco ou mulato, demonstrou ser o homem adequado para erguer, com sucesso, a civilização nos trópicos (15).

Não se pode mais aceitar a teoria racista de Gobineau que pretendeu estabelecer como “dogma científico” a superioridade da raça branca sobre as demais”. O Brasil precisa fazer propaganda ante os próprios brasileiros. Urge mostrá-lhes o que somos, antes que o estrangeiro lhes meta pelos olhos a dentro a imagem do que quer que sejamos” (16).

O caboclo não teve contra êle o preconceito racial e de classe, sendo mesmo, no Brasil, motivo de orgulho, a citação dos ancestrais indígenas, que nunca lhe impediu a ascensão social.

Quanto ao mulato marcado fisicamente pelos cabelos e pela côr, não pôde esconder a origem negra. Teve que lutar para vencer, com sua vivacidade, inteligência e simpatia, os preconceitos (não propriamente de côr, mas de classe) decorrentes de sua procedência escrava (“status” inferior) (17).

O conceito colonial escravocrata que estabeleceu os negros como classe servil e os brancos como classe dominadora, influenciou na classificação étnica, não pelos caracteres somáticos, mas pela posição social do indivíduo. Assim, conseqüentemente, eram considerados brancos os mestiços que galgavam as posições e cargos reservados à classe senhorial. E’ conhecida a anedota do inglês Koster que observou que certo capitão-

sidant dans le même pays”. J. Finot, *Le préjugé des races*. Paris. Félix Alcan, 1905.

- (15). — “Da plebe mestiça, em toda a nossa história, ao sul e ao norte, têm saído, com efeito, poderosas individualidades, de capacidade ascensional incoercível, com uma ação decisiva no nosso movimento civilizador.

Os que negam o valor dos nossos mestiços, como os que afirmam a sua superioridade, falseiam a verdade, porque a vêem unilateralmente: os nossos mestiços nem são todos absolutamente inferiores, nem todos absolutamente superiores”. Oliveira Vianna, *ob. cit.*, pág. 159.

- (16). — *O Brasil e a raça*, Antônio Baptista Pereira. Conferência feita na Faculdade de Direito de São Paulo. São Paulo, Empresa Gráfica Rossetti Ltda, 1928, pág. 51.

- (17). — “Nas sociedades musicais agrupam-se em grande número pretos, que passam por ter mais talento para essa arte do que os brancos”. E. Reclus, *ob. cit.*, pág. 455.

mor era mulato e obteve a seguinte resposta: “Era, porém, já não é. Pois é lá possível um capitão-mor ser mulato?!” (18).

Aliás, o mulato demonstrou uma excepcional capilaridade social, contornando, com habilidade, os obstáculos referentes a sua origem servil, para infiltrar-se nas castas superiores.

Antonil percebeu a ascendência do mulato e da mulata, dizendo que existiam os senhores e senhoras que se deixavam governar pelos mulatos, e citou o provérbio — “Que o Brasil é o Inferno dos Negros, Purgatório dos Brancos e Paraíso dos Mulatos e das Mulatas” (19).

Os mulatos e mulatas, entre os quais muitos se destacaram por seus dotes físicos e intelectuais, possuem uma série de características que os distinguem do caboclo, desconfiado e sizado, e do branco de cultura européia.

O mulato além de possuir um arrivismo permanente e tenaz, imitava, às vezes com exagêro, os costumes dos brancos, como o uso da bengala, das polainas, dos dentes de ouro, do anel de brilhantes, do “pince-nez”, etc. (20). Entre outros característicos temos “o desejo de estabelecer intimidade” e o riso abundante, a simpatia e a cordialidade, os cuidados especiais com a pele e cabelo para melhorar a aparência física.

“No uso do diminutivo, uso um tanto dengoso, ninguém excede ao mulato”: sinhôzinho, sinhâzinha, ioiôzinho, doutorzinho, Zêzinho, Manêzinho, Branquinho, Gordinho, Velhinho, Sousinha, etc. (21).

As mulatas ou digamos “diplomáticamente”, as “morenas brasileiras claras ou escuras” (de traços negróides) gostam das côres vivas e do excesso de jóias.

A dengue da mulata, a doçura do seu olhar e os seus requiebro provocantes são reminiscências atávicas das ancestrais negras que procuravam, com a docilidade e malícia, seduzir e enternecer o impiedoso escravocrata branco.

Nas áreas brasileiras de mestiçamento mais intenso, surgiram a maior parte de nossos literatos e escritores, políticos e soldados.

Dentre os mestiços destaca-se o mulato que tem demonstrado grande resistência física, dotes intelectuais notáveis e excepcional sensibilidade artística.

(18). — Paulo Prado, *Retrato do Brasil*, cit. Henry Foster, *Travels in Brazil*, 1816.

19). — *Cultura e Opulência do Brasil*, André João Antonil.

(20). — *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarques de Holanda.

21). — *Sobrados e Mucambos*, Gilberto Freyre, pág. 1063.

A capacidade física dos mulatos tem sido “testada”, satisfatoriamente, no box, no atletismo, no futebol e nos demais esportes, onde conquistam as melhores classificações.

Nas letras, ciências, artes, na política e nas forças armadas do país sobressairam-se mulatos ilustres como o próprio D. João VI e seu filho D. Pedro I (22), o general Osório, o Marechal Deodoro, Floriano Peixoto, Pe. Domingos Caldas Barbosa, José de Natividade Saldanha, Caetano Lopes de Moura, Francisco Glicério, o Pe. Antônio Vieira, Castro Alves, Luís Gama, Lívio de Castro, Tobias Barreto, Faria Lima, Lima Barreto, Nilo Peçanha, Saldanha Marinho, André Rebouças, Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho), Pedro Américo, Olavo Bilac, Gonçalves Dias, Machado de Assis, o Barão de Cotegipe, José do Patrocínio, bispo D. Silvério Gomes Pimenta, Juliano Moreira, Jorge de Lima, Roquette Pinto (23), etc.

A contribuição étnica do japonês na formação do povo brasileiro.

E’ relativamente recente a imigração japonesa. Foi no começo deste século, em 1908, que aportou no Brasil o “Kassato Maru” trazendo a primeira leva de imigrantes nipônicos.

Segundo dados do I.N.I.C., de 1908 a 1956, entraram no Brasil 203.056 súditos do país do “Sol Nascente” (24).

Sofreu a imigração desse povo asiático uma série de críticas, por se considerar o nipônico inassimilável, constituindo um “quisto” irredutível dentro da organização nacional.

Vivaldo Coaraci (25), em trabalho de gabinete, defende a tese da inassimilabilidade do japonês. Miguel Couto e Artur Neiva preocuparam-se com o então chamado “perigo amarelo”, apresentando, no Parlamento Nacional, projetos que recomendavam a imigração ariana e proibiam a japonesa.

Hoje a questão é encarada doutro modo e os problemas que se julgavam específicos da imigração japonesa nada mais são que problemas comuns, em maior ou menor escala, a todos os grupos de imigrantes.

(22). — Como informa Silva Mello, D. João VI possuía 5/8 de sangue negro, sendo, portanto, mulatos os dois imperadores do Brasil. *Estudos sobre o Negro*. José Olímpio Editôra, pág. 167.

(23). — *Estudos sobre o Negro*. Silva Mello, págs. 133-134.

(24). — São do prof. Roquette Pinto as seguintes palavras: “Os japoneses se fizeram com a “mestiçagem” dos nagas, ainos (brancos), coreanos, chineses e mandchus (amarelos) e malaio”.

25). — “O perigo japonês”.

Spengler afirmou que uma raça não se transporta intata de um continente para outro por causa da diferença do meio físico e, poderíamos completar, das novas condições sociológicas.

Não se pode pretender que o imigrado sofra, ao descer em solo brasileiro, uma modificação profunda na sua personalidade com a desintegração quase repentina de toda a sua cultura de origem e aceitação, com facilidade e sem resistências, da língua, dos ideais, conceitos, hábitos, costumes, do vestuário e da alimentação da pátria adotiva.

A adaptação social e biológica ao novo ambiente realiza-se paulatinamente, em maior ou menor intensidade, conforme o grau de organização da sociedade em que vão viver.

A política ideal que se deve adotar com os imigrantes é distribuí-los em sociedades onde sejam minoritários e não permaneçam segregados, de modo que se processem os fenômenos de aculturação e sejam, gradativamente, assimilados pelos grupos nacionais.

E' preciso, nesse assunto, ter como principal escopo a defesa da unidade política da Pátria, orientando o Estado a absorção dos elementos alienígenas, que se deve processar em etapas mais curtas possíveis.

Verificou-se que, apesar de ser maior a distância existente entre a cultura japonesa e a brasileira do que entre a nacional e a européia, os japoneses, graças ao seu esforço, se enquadram no esquema de assimilação num tempo relativamente curto.

A verdade é que os japoneses serão absorvidos pelos grupos nacionais, dependendo os graus de homogeneidade e fusibilidade do tempo e da organização em que estão em contacto. Nesse processo destaca-se o papel dos seus filhos, os "niseis" (segunda geração), que, sofrendo o aprendizado da língua portuguesa, dos hábitos, costumes e conceitos dominantes no meio social geral e nos grupos sociais particulares brasileiros, levam para dentro dos lares nipônicos os nossos padrões culturais provocando, desse modo, o conflito que age como força desagregadora da cultura oriental.

E' fato comprovado a preocupação do "nisei", consciente de sua marginalidade, que procura integrar-se inteiramente nos padrões de comportamento da sociedade brasileira.

Não se pode exigir a assimilação integral do "nisei" que permanece em contactos íntimos com seus pais japoneses ("iseis") que são os depositários da cultura de origem. No entanto, na terceira geração ("sansei") a assimilação se realiza, geralmente, de modo completo. Na quarta geração ("yon-

sei”) está esquecida ou inteiramente abandonada a herança cultural deixada pelos bisavós.

Podemos concluir estas rápidas considerações afirmando que a imigração japonêsa apresenta um saldo positivo e favorável aos interesses nacionais porque, de modo geral, o grupo familiar japonês tem orientado os seus membros no gôsto pelo trabalho, pela ordem e no amor à terra brasileira que êles têm engrandecido com um labor edificante (26).

P. PEREIRA DOS REIS

(26). — A seguir indicamos algumas fontes para o estudo do imigrante japonês: Casas e túmulos de japoneses no Vale da Ribeira de Iguape, Herbert Baldus e Emílio Willems. Rev. Arquivo Municipal, São Paulo, n.º LXXXVII, vol. 77, 1941; Introdução à Antropologia Brasileira, Arthur Ramos; Aspectos da Organização Social dos Japoneses em Registro, “Sociologia”, 1953, vol. 15. Vicente Unzer de Almeida; Aculturação de Alemães e Japoneses no Brasil. “Revista de Antropologia”, 1956, vol. 4, n.º 1, Egon Schaden; O Cooperativismo na Região de Cotia: Estudo de Transplantação Cultural. “Sociologia”, 1954 e 1955, vols. XVI e XVII, Hiroshi Saito; Assimilação e populações marginais no Brasil, E. Willems; Pesquisa sobre a aculturação dos japoneses no Brasil, Seiichi Izumi e Hiroshi Saito. “Sociologia”, vol. XV, n.º 3, 1953; O suicídio entre os imigrantes japoneses e seus descendentes. “Sociologia”, vol. XV, n.º 2, 1953, Hiroshi Saito; A assimilação do imigrante japonês no Brasil, by Hiroshi Saito. Reprinted from Kobe Economic & Business Review 5, 1958.

BIBLIOGRAFIA.

- Antonil (André João). — **Cultura e Opulência do Brasil**. Livraria Progresso Editôra. Bahia, 1955.
- Azevedo (Fernando de). — **A Cultura Brasileira**. Companhia Editora Nacional. 2a. edição. 1944.
- Coaraci (Vivaldo). — **O perigo japonês**. Edição do Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 1942.
- Cunha (Euclides da). — **Contrastes e Confrontos**. Editôra Lello. Pôrto, 1923.
- Ferraz (Mário de Sampaio). — **Cruzar e nacionalizar**. Tipografia Brasil. São Paulo. 2a. edição. 1939.
- Finot (J.). — **Le préjugé des races**. Paris. Félix Alcan. 1905.
- Freyre (Gilberto). — **Casa Grande & Senzala**. 2 vols. José Olímpio. 1950.
- **Sobrados & Mucambos**. 3 vols. José Olímpio. 1951.
- Holanda (Sérgio Buarque de). — **Raízes do Brasil**. José Olímpio. Rio de Janeiro, 1936.
- IBGE. — **Anuário Estatístico do Brasil**. Ano XI. 1950.
- **Anuário Estatístico do Brasil**. Ano XV. 1954.
- Malheiro (Perdigão). — **A escravidão no Brasil**. 3 vols. Rio de Janeiro, 1867.
- Mello (A. da Silva). — **Estudos sôbre o Negro**. José Olímpio. Rio de Janeiro, 1958.
- Nina Rodrigues. — **Os africanos no Brasil**. Editôra Nacional. São Paulo, 1935.
- Pereira (Antônio Baptista). — **O Brasil e a raça**. Empresa Gráfica Rossetti Ltda. São Paulo, 1928.
- Pinto (Edgard Roquette). — **Seixos rolados: estudos brasileiros**. Rio de Janeiro, 1927.
- **Ensaio de antropologia brasileira**. Editôra Nacional. 1933.
- **Rondonia**. Editôra Nacional. São Paulo. 3a. edição. 1935.
- Prado (Paulo). — **Retrato do Brasil**. Editôra Brasiliense Ltda. São Paulo, 1944.
- Reclus (Elisée). — **Estados Unidos do Brasil — Geografia, Etnografia e Estatística**. Tradução de Ramiz Galvão. H. Garnier. Rio de Janeiro, 1899.
- Sorre (Maximilien). — **Fundamentos biológicos de la Geografía Humana**. Editorial Juventud, S. A. Barcelona, 1955.
- Vianna (Francisco José de Oliveira). — **Raça e assimilação**. José Olímpio. Rio de Janeiro. 4a. edição. 1959.
- **A evolução do povo brasileiro**. José Olímpio. Rio de Janeiro, 1956.